

## RESENHA DE *VOCES DE CHERNOBIL: CRÓNICA DEL FUTURO*

De SVETLANA ALEXIEVICH

Editora Debolsillo (edição e-book Kindle).

Tradução para o espanhol de Ricardo San Vicente

Preço: R\$ 33,04

### **VOZES QUE SE CRUZAM: REALIDADE COMO DISTOPIA**

Raul de Souza Püschel

Professor titular e docente de Literatura Ocidental do IFSP

Já há muito tempo me preocupo em saber o que nos espera com a premiação de um novo Nobel de literatura. Isso se dá desde quando era um aluno no que se chama hoje em dia curso médio ou mesmo talvez até antes. Atualmente, como professor de Literatura Ocidental, tenho sempre falado a meus alunos já no final de cada mês de setembro que um novo laureado está para ser contemplado. Para minha surpresa, quando busquei saber a data da escolha neste ano, deparei-me com o nome de Svetlana Alexievich como a favorita nas bolsas de aposta. Para quem passou parte significativa de sua vida preocupado com a literatura, foi uma surpresa deparar-se com uma absoluta desconhecida, isso mesmo tendo formado um grande repertório de leitura ao longo da vida. Maior surpresa ainda foi não achar naquele que julgo uma das mais impressionantes invenções dos últimos tempos, o *e-book*, qualquer referência ao nome da autora na véspera da escolha.

No dia da escolha, comentei com meus alunos, no meio de uma aula sobre Dante, que sairia naquela data o nome do vencedor do prêmio. Lá com toda curiosidade procurei no celular alguma notícia e, novamente surpreendido, vi que uma vez na vida a bolsa de apostas literárias estava certa. Buscou-se um azarão? Chegando a meu apartamento, insisto com meu *e-book*, para ver se um título da autora magicamente já estaria disponível. Escrevo no sistema de busca e nada. Por insistência, fui pelo caminho da tentativa e erro. Tento, então, digitar só o primeiro nome da autora. Eis que, para minha surpresa (outra), aparecem centenas de Svetlanas, sendo que a primeira era

justamente a autora bielorrusa, com um único título ali disponível, e apenas em espanhol. Era justamente o muito expressivo *Voces de Chernobil: crónica del futuro*. No dia seguinte, experimentei de novo para ver se aparecia mais alguma obra dela. Não apareceu, mas já surgia a autora com nome e sobrenome em seu espaço correto, não mais colocada entre outras Svetlanas. E já na pesquisa de títulos, junto ao resumo da obra surgia o infalível: Prêmio Nobel de 2015.

A Academia Sueca, ao justificar a premiação, disse que ela se deu em razão de uma “escrita polifônica, que é um monumento ao valor e ao sofrimento em nosso tempo”. Simples e certo, já que a autora, de certa forma, faz com o ensaio, com o texto memorialístico e com a crônica aquilo que Dostoievski fez em seus romances, uma escrita dialógica. Mas como procede Svetlana? Vejamos sua estrutura. Primeiro a autora em algumas páginas, sob o título de “Uma solitária voz humana” começa a dar suas impressões sobre o acontecimento, mas não resiste a seguir seus imperativos, ao princípio construtor de sua obra, isto é, começa a registrar, com sua voz a voz que ecoa de outras pessoas, e dialoga com a desgraça de cada um, com aqueles fragmentos de conversa que guardava na memória. Inicialmente, fala de uma mulher recém-casada que vê seu marido transformado naquilo que seria um elemento radiativo. Estava casada há poucos anos e vivia uma felicidade de lua de mel prolongada. Estava, além de tudo, grávida. Por solidariedade a ele, para ficar próxima a ele, acaba contaminando a filha. Com isso, vida e morte se aproximam.

Depois são apresentadas em três partes (“A terra dos mortos”, “A coroa da criação” e “A admiração da tristeza”) um número significativo do que chamou de monólogos. Monólogos sem que o sejam na verdade. É mais um artifício da escritora que cede a voz e se contamina com a fala dos contaminados, é tomada pela voz da multidão, da turba desesperada que a alucina, que a perturba com o drama feito tragédia. Fecha-se o livro com pequenos-ensaios-vozes da experiência do relato compartilhado. Surgem, então, “Coro de crianças”, “Uma solitária voz humana” (pela segunda vez este intertítulo) e “A modo de epílogo”, em que, em oposição ao olhar de sobrevoos do guia turístico, aparece a viagem com odores, sons, preenchimento de experiências: “Visitem a Meca nuclear. E a preços moderados”.

Adentremos aos chamados monólogos.

Há aqueles em que nos surpreendemos com a face humana dos cachorros surpresos de como são sacrificados em série, por aqueles em quem confiavam. A comoção é similar à de Baleia em *Vidas secas*. O cavalo também olha para aquele que vai abater-lhe como a dizer: “Não me mate! Eu também quero viver!”.

Em um outro relato, “Monólogo acerca de que não sabemos viver sem Tchecov nem Tolstói”, um morador fala de Prípiat, que então tinha deixado de existir, pois o que houvera ficado dela já não era nossa cidade”. Nem os cientistas nem os escritores criaram categorias que permitiriam compreender o que se passou. Podem até falar da Guerra, mas não de Chernobil. Ironicamente é dito que, com a explosão, as pessoas tornaram-se, de certa forma, bronzeadas de “um moreno nuclear!”. E as crianças ironizam: “Formem largas filas para o cemitério. Os mais altos morrerão primeiro”.

Nos vários relatos que entremeiam o livro, são-nos apresentados todos os casos de perda, de perplexidade, de desesperança, de, por vezes, tentativa de retomada da vida anterior, mas tudo parece contaminado: água, alimentação, objetos, talvez até a palavra amor. Como é dito em um monólogo: “Meu bem, para alguns parir é pecado! Amar é pecado!”.

Quando se sai de Chernobil e se chega à outra cidade, dizer o lugar de origem é a fórmula para que os outros se afastem amedrontados.

Há monólogos de todo tipo de gente. Há, por exemplo, o de um cineasta que decidira, frente ao que viu, filmar através dos olhos dos animais, pois “em situações extremas, o homem, em realidade, não tem nada a ver com o modo como o descrevem nos livros. A homens como os que aparecem nos livros, eu não tenho visto. Não tenho encontrado nenhum. Bem ao contrário. O homem não é um herói. Todos nós somos vendedores de Apocalipses”.

O relato “Monólogo acerca de como São Francisco pregava aos pássaros” avizinha-se, como se vê, de certa maneira, de algo que surge de uma perspectiva contemporânea que leva em conta “o direito dos animais”, parodiando-se aqui o estranhíssimo livro do também nobel John Coetzee.

Nos anos seguintes à catástrofe, os efeitos radioatômicos invadiram até o léxico ativo e corriqueiro das crianças de Chernobil, que começaram a empregar, entre outros, “alopecia” e “dosimetria”. A sociedade local começou a traduzir seus medos também, a partir de então, com a, para ela nova, palavra “radiofobia”.

Os de Chernobil se sentiram, desse modo, quase que um povo à parte, uma espécie separada. Haveria os russos, os ucranianos, os demais bielorrussos e os de Chernobil. É tocante ler a menção de se enxergarem como seres "anotados", examinados, estudados por pesquisadores que escreviam tese de doutorado. É também tocante ler no "Monólogo entre um homem e uma mulher" a força do querer viver até mesmo depois de Chernobil.

Stlevana Alexievich, assim, sem ser neste livro uma ficcionista, revela a força das palavras, do adensamento semântico das experiências que ela nos traz em sua obra, cheia de imagens fortes e formulações que expressam de forma nova surpresas e angústias humanas. Por isso merece ser lida. E fica-nos explicado por qual razão o Nobel sai valorizado depois de tal premiação.